



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ANTONIO LEANDRO DE SANTANA FREIRE DA COSTA

A CULTURA DA ILHA DO PATY: O GRUPO “AS PAPANUTAS”

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

ANTONIO LEANDRO DE SANTANA FREIRE DA COSTA

A CULTURA DA ILHA DO PATY: O GRUPO “AS PAPANUTAS”

Projeto de pesquisa apresentado à Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira
Como parte dos requisitos necessários para a obtenção do
Título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do
Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

ANTONIO LEANDRO DE SANTANA FREIRE DA COSTA

A CULTURA DA ILHA DO PATY: O GRUPO “AS PAPANUTAS”

Projeto de pesquisa apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira Como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva.

Aprovado em: 29/05/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Paulo Alves Junior

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profa. Dra. Jaciara de Santana

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus que sempre proporcionou grandes oportunidades em minha vida.

Tais oportunidades não seriam desenvolvidas, não fosse pela presença expressiva de minha amiga e companheira Tatiana Florentino Santana, a minha mãe, que foi uma grande incentivadora, minha família e a todos que, direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste projeto de trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Ao professor Dr. Pedro Acosta Leyva, pela força e o grande apoio que me deu, dando orientações e suporte durante a elaboração desse projeto. Sou grato pela generosidade, conhecimento, paciência e elogios recebido do professor, pois com os mesmos vejo meu desempenho nesse trabalho.

Aos moradores da comunidade da Ilha do Paty, por terem me recebido de braços abertos e por terem me dado todo o suporte para eu direcionar a pesquisa.

Por fim, a todos aqueles que, apesar de não citados, estiveram presentes nesta trajetória e sempre torceram pelo meu crescimento e sucesso.

“A menos que modifiquemos à nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo”

Albert Einstein

SUMÁRIO

1	TEMA	7
1.1	DELIMITAÇÃO	7
1.2	RELEVÂNCIA	7
2	OBJETIVOS	16
2.1	OBJETIVO GERAIS	16
2.2	OBJETIVO ESPECÍFICO	16
3	CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	16
4	CRONOGRAMA	19
	REFERÊNCIAS	20

1 TEMA

A cultura da ilha do Paty: O grupo “As Paparutas”, analisando a importância da cultura para o desenvolvimento local, considerando as manifestações e expressões populares detentoras do contexto regional como fator de identidade cultural.

1.1 DELIMITAÇÃO

A cultura da Ilha do Paty, especificamente o grupo cultural “As Paparutas” no período do ano de 2010 á 2018.

1.2 RELEVÂNCIA

O meu primeiro contato com a Ilha do Paty, situada na cidade de São Francisco do Conde-BA, aproximadamente 1h30 minutos de Salvador-BA, ocorreu quando eu tinha 12 anos de idade, comecei a frequentar a ilha quase todos os finais de semana, juntamente com minha avó paterna, Sra. Maria das Dores Araujo, que na ocasião tinha 56 anos de idade, hoje já falecida.

Com essas idas e vindas da ilha, fui passando a conhecer aos pouco o modo de vida da população da comunidade.

Mas como morador de São Francisco do Conde, na Bahia, meu interesse em conhecer mais de perto a cultura da Ilha do Paty, que tem aproximadamente 152 moradores, partiu após visitas acadêmicas realizadas pela Universidade Unilab, junto com o grupo de pesquisa “Samba de Maré” da coordenadora Prof^a Dra. Juliana Fárias Barreto. E com isso despertou-me um grande interesse de estudar as manifestações culturais da ilha.

Lembro-me, que minha avó dizia em relação ao tempo da juventude dela, em que ela junto com as amigas gostavam de apreciar os festejos do samba e as rodas de capoeira, elas faziam questão de andar bastante arrumadas, quando iam assistir os festejos, compravam produtos de beleza e cuidavam muito do corpo e das aparências.

Nos últimos anos, o mercado dos cosméticos promoveu uma multiplicação dos produtos oferecidos e, com a competitividade entre as empresas, uma redução dos valores cobrados. Há, por exemplo, produtos para cada tipo de pele e cabelo. Como destaca a pesquisadora Michele Machado, “a indústria de cosméticos é um segmento da indústria química, cujas atividades se vinculam com a manipulação de fórmulas, destinadas à elaboração de produtos de aplicação no corpo humano, para limpeza, embelezamento, ou para alterar sua aparência sem afetar sua estrutura ou funções”. Assim, ainda segundo a autora, a noção de cosméticos está ligada aos “produtos destinados, essencialmente, à melhoria da aparência do consumidor” (MACHADO, 2006, p.43).

Ao observar as manifestações culturais da comunidade da Ilha do Paty, mim pergunto: Por que nosso povo vem perdendo os traços culturais, envergonhando-se de sua cultura e passando a adotar outros costumes e valores de outras regiões e até outros países?

Com tantas influencia oriundas de outras culturas, as vezes mim pergunto o porquê a tantos anos, alguns grupos, fazem questão de preservar suas manifestações locais existentes em sua região?

Mas, já percebo que necessariamente, precisamos resgatar e auxiliar outras pessoas a conhecerem a cultura da sua localidade, de maneira mais aprofundada. A nossa cultura não pode morrer, pois, os costumes construídos e deixados ao longo dos anos pelos nossos antepassados, precisam ser conservados. Transmitindo a sabedoria das nossas raízes, utilizando acidentalmente os símbolos que mostram o que somos, voltar as brincadeiras sadias que divertiam e divertem a população, as danças e entre outros. Mas, o que prevalece é o conjunto de riquezas que permanecem vivas e atuantes na vida do povo, servindo de resistência diante da sua árdua realidade.

Para o autor Paulo Freire (2002, p. 63), diversidade cultural tem como característica a ideia de uma mistura multicolorido, onde cada representação identifica um grupo com suas riquezas culturais, crenças, etnias, classe social, regiões indivíduos do qual surge a transformação por meio desse processo que está entre cada nação e grupo cultural, gerando varias formas de conviver com a diferença de cada pessoa, no intuito de construir uma humanidade individual e coletiva.

Essa maneira de como olhamos o mundo geram representações e valorizações diferentes da cultura. Não existe uma cultura superior a outra, entretanto, existem olhares e valores diferentes apresentados. As sociedades se modificam, evoluem, passam por crises de valores e econômicas, porém a cultura permanece. Apesar de a globalização ser algo presente em nosso cotidiano, cada povo tem sua identidade orientada pela sua cultura.

A cultura rege todos os aspectos de formação de uma sociedade, como comportamentos, pensamentos, expectativas e inclusive a educação formal ou informal. Ao mesmo tempo em que as culturas preservam tradições, elas também integram tradições de outras nações e de outros povos, formando um intercâmbio de usos, costumes, tradições, alimentos etc. A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduzindo em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas.

Antropólogos e pesquisadores do tema culturas, divergem ao tentar defini-la e mostrar como ela age dentro da sociedade. Para Clifford Geertz (1973), a cultura não deve ser vista como um complexo de comportamentos concretos, mas, um mecanismo de controle, planos, receitas, regras e instruções para governar o comportamento. O autor defende que a antropologia busca interpretações, o que no caso para o estudo da cultura é uma forma de analisá-la sem atribuir julgamentos ou preconceitos.

Nas minhas observações e ao desenvolvimento deste projeto, entendo que a cultura, pode tanto unir quanto separar as pessoas. Por meio de uma imposição ou dominação, ela vira um modo de controle de pensamento, conhecimento e das manifestações pertencentes a cada povo. É evidente que existe uma cultura dominante que é empregada por aqueles que detêm um maior poder de dominação sobre um povo, quer seja por dinheiro, ideologia, política, religião, conhecimento e todas outras formas que possam exercer algum domínio. Assim, a cultura é uma forma de exercer poder, autoridade, de excluir ou de incluir, depende da forma como é utilizada e apresentada para as pessoas.

Segundo Benedict Laraia (2009), diferentes culturas possuem lentes distintas. Essa maneira como enxergamos o mundo e, reagimos diante das, situações, fazem parte da herança cultural que recebemos durante toda a nossa vida. Não nascemos sabendo como nos comportaremos, mas, aprenderemos conforme o passar do tempo, e esse comportamento, poderá gerar, através da herança cultural, diversos tipos de preconceitos com as culturas e práticas já existentes.

Se o cidadão tem o poder de moldar o seu meio, o meio também pode moldar o cidadão. Ocorre uma influência flexiva em que ambas as partes contribuem para a formação tanto de um, quanto do outro. Por isso, o indivíduo não é indiferente ao meio em que vive, por mais distante que esteja de tudo aquilo que é visto como caracterizador da cultura, ele de alguma forma, contribui para sua manutenção ou extinção.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.

Uma das estratégias do capitalismo é apresentar lixos culturais através dos meios de comunicação de massa. Chega até nós por meio da música, das propagandas auditivas e visuais, da internet, e principalmente da TV, responsável por criar modismos incoerentes à vida de sofrimento do povo, cria deuses falsos a fim de ludibriar através da estética.

Do contrário, poderemos ser conduzidos por qualquer maré que chega. Por exemplo, ser conduzidos pelo fenômeno da globalização (Não considerando seus valores) que busca homogeneizar as culturas locais a fim de controlar as nações do mundo com as doutrinas capitalistas. Este processo chama-se aculturação, que quer dizer a infusão de uma cultura sobre a outra, a fim de inferiorizar o conhecimento do indivíduo.

Segundo os historiadores e pesquisadores, o Brasil tem a maior população de origem africana fora da África e, por isso, a cultura desse continente exerce grande influência, principalmente, na região nordeste do Brasil. Vemos na música, religião e culinária essa ligação. Então, com essa miscigenação, herdamos marcas da nossa identidade cultural, ou seja, dos nossos ancestrais. Na África, as origens da música estão intimamente ligadas a religião. Da mesma forma ocorre no Brasil, onde os rituais das religiões afro-brasileiras também são acompanhados de música, tendo diferentes denominações, conforme a região de ocorrência. A

cultura africana surgiu no Brasil quando os povos escravizados trazidos da África durante o longo período em que durou o tráfico negreiro transatlântico. Os diferentes grupos, sendo umas delas bantos, nagôs e jejes trouxeram com si tradições distintas. Das quais, crenças religiosas deram nascimento as religiões de matrizes africanas. “A primeira delas é o fato de que talvez seja incorreto utilizar a expressão “o candomblé”, no singular. Há uma variedade grande de práticas de matrizes africanas que poderiam, através de rápidas generalizações, ser chamada de “candomblé””. (NASCIMENTO, 2016, p. 2)

Memórias são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais. [...] toda memória tem índices sociais que a justificam. É sobre a relação entre o ser individual e o mundo que se organizam as lembranças e os processos que relevam o significado das lembranças armazenadas (MEIHY, 2002, p. 54).

Além disso, a memória é fundamental a um grupo ou uma sociedade, pois está ligada à construção de sua identidade; é a consequência de uma tarefa da escolha do que é imprescindível e essencial com o sentimento de unidade, de perpetuidade e de ligação, ou seja, da própria identidade. Mas ela é fluida, apresentando características novas, mutantes e, assim, podemos dizer que, em torno dessas discussões, há diferentes memórias, de um grupo, um povoado ou uma nação importante, que, ao final, também são fundamentais para se entender esses mesmos grupos. Assim, mais do que falar de um conflito entre “memória oficial” e “memória subordinada” ou “dominada”, é necessário pensar que há uma diversidade de memórias em disputa. Lembrando que toda narrativa nascida da memória será “sempre e fatalmente”, construção, elaboração, seleção de fatos e impressões, e que todo fato narrado por uma pessoa pode conter mentiras, distração, deformações ou várias interpretações sobre um determinado assunto dos fatos ocorridos. O que não afasta sua validade (MEIHY, 2002, p. 50).

Nas minhas leituras observei que, a cultura popular ainda é vista como subcultura, a geração de trabalho nesse campo ainda possui um certo preconceito. Muitas cidades contratam profissionais de outras regiões para se apresentarem, argumentando que nos municípios não tem grupos o suficiente para preencher o quadro da programação do evento. Realizando uma desvalorização dos artistas locais. Há, ainda uma certa exclusão com os profissionais da cultura popular.

Porém, alguns moradores não dão os valores devidos as manifestações culturais existentes na sua cidade. Tanto que os responsáveis pelo meio de comunicação do município não fazem questão de divulgar os eventos realizados pelos grupos.

Em uma conversa informal com o Sr. Altamirando de Amorim, que tem 63 anos de idade, e morador a quase 40 anos na ilha. Atualmente líder comunitário e coordenador do grupo cultural “As Paparutas”. Ele relatou-me que “o mundo é constituído de histórias, de momentos, festas e tradições iniciados no passado, com fortes significados e conceitos e que é essencial manter a chama de tudo isso bem acesa, para não se perder no tempo e, também, não tirar das próximas gerações o privilégio de vivenciar momentos tão importantes”. A palavra cultura, em uma de suas inúmeras definições, se trata de forma ou etapa evolutiva das tradições e valores intelectuais, morais, espirituais (de um lugar ou período específico); Cultura é uma expressão da construção humana e isso deve ser mantido para sempre. De acordo com o Sr. Altamirando, na ilha existia os atos de comédias, essas comédias eram o uso de humor nas artes cênicas, onde estava presente em um espetáculo, história, ou até mesmo em um filme, que recorria intensamente ao humor. Segundo Sr. Altamirando, esse nome “comédia” porque era engraçado, ou seja, como o próprio nome diz: uma comédia mesmo. Na verdade dentro dessa comédia tem diversos atos como : Paparutas, mulatinha dengosa, mexe-mexe, carrueira, Dom Jorge, banhista, as flores, doze meses, em fim uma série de apresentações.

Em uma das visitas, realizadas por mim para me aprofundar sobre ‘as paparutas’, conversei com a Sra. Valdece Rodrigues da Silva, que tem 54 anos de idade, integrante do grupo “As Paparutas”, ela me informou que apesar da maioria de alguns atos de comédias ter aproximadamente 18 anos que não se apresentam na comunidade, mas mesmo assim os moradores pensam em retornar essas apresentações, e devido ao longo período que não vem esses atos de comédias, torna-se um pouco mais difícil, por conta das crianças e os jovens de hoje não ter acompanhado essas apresentações, de fato, eles (a) não sabem de que forma eram realizadas as apresentações, e para que isso venha acontecer hoje, teria que ter o material audiovisual para que possa apresentar a história, para essas pessoas mais jovens. E com essas iniciativas dos mais velhos, os adolescentes venham tomar gosto e conhecimento do trabalho que a comunidade proporciona, enfatizando que é ótimo para o desenvolvimento dos adolescentes. A Sra. Valdece, ressaltou também que os componentes do grupo ‘as paparutas’,

tem a vida bastante corrida, além de ter seus momentos de lazer e distração, precisam trabalhar para ter o seu sustento individual e familiar.

Em umas das conversas informais com alguns integrantes do grupo, fui informado que o mesmo existe a pelo menos 80 anos, o qual o grupo difundiu-se como manifestação cultural no mês de março de 2003, fora do âmbito da comunidade. Realizou uma apresentação na sede da cidade, São Francisco do Conde, na feira da mulher, um evento em comemoração ao dia da mulher, que era realizado em 08 de março. Neste mesmo ano tiveram uma apresentação no festival do interior, Feira que era realizada todos os anos na cidade de Salvador-BA, em que os municípios baianos apresentavam suas culturas. Dando-se assim uma visibilidade maior ao grupo, chegando até viajar para alguns estados como: São Paulo e o país da França.

O grupo “As Paparutas” é formado por mulheres de distintas idades, vestidas com saias longas, estampadas, coloridas e com blusas lisas de cores diferentes. E com a missão de manter viva a tradição de preparar pratos típicos da cozinha brasileira, como o acarajé, caruru, frigideira de siri, moqueca de camarão, peixe-frito, feijão-fradinho, entre outros.

O nome “Paparutas” vem do nome “Paparoca” que significa comida. Era assim que as pessoas da comunidade da Ilha do Paty, chamavam as Paparutas. Daí manteve-se o nome de “Paparutas Boas”, que quer dizer: “Comidas Boas”.

Durante muito tempo prevaleceu nos estudos realizados por folcloristas, literários, historiadores e também por alguns cientistas sociais, o interesse em estudar as origens das tradições e manifestações culturais do povo. De acordo com Michel de Certeau (1995), a questão da origem se colocou como elemento central em diferentes sistemas de explicação da cultura popular realizada por estudiosos da literatura popular no século XVIII: “Seja qual for o seu tratamento científico, essa fascinação do objeto perdido toma posse dos métodos na vertigem da sua contradição interna” (CERTEAU, 1995, p. 68).

Segundo o coordenador do grupo “as Paparutas”, o grupo aderiu também o estilo do samba, os que elas chamam de Samba bailado, elas conseguiram essa ideologia porque a dança do grupo são dois passos para o lado e dois passos para o outro. O grupo é formado por 19 bailarinas, músicos: 01 mulher no baixo (Elem Cristina), 03 vocalistas (Adilza, Valdelice e Antônia), 03 panderistas (Alcides Sacramento, Elísio Amorim e Jefeson), 01 pessoa no timbal

(Rudson), instrumentos de cordas: no cavaquinho (Willians) e no banjo (Valdo). Nas representações com os pratos típicos são as mulheres, mas, na musicalidade alguns homens também são integrantes do grupo como foi assinalado.

Figura 1 - Apresentação do grupo “As Paparutas” na Ilha do Paty (2012)



Fonte: <http://www.bahiatodahora.com.br/noticias/bahia/paparutas-participam-do-premio-anu-preto-e-homenageiam-lazaro-ramos>.

Segundo o trabalho da pesquisadora Agrimária Matos, o espetáculo do grupo é um estilo de desafio a uma personagem central na dança, denominada “a dona da cozinha”, que apresenta e exalta as comidas utilizadas na apresentação. Através da música, do bailado e da coreografia que utiliza, e também as movimentações e brincadeira para escolher a próxima pessoa para adentrar no centro da roda para sambar. O grupo pode ser caracterizado como um tipo de samba de roda que começa mais lentamente e no final se torna um grande “sambão” no qual todos cantam e dançam. Especialmente o samba, é bastante apreciado e se faz presente nas diversas formas de diversões feitas na comunidade. Quanto aos instrumentos utilizados nas apresentações podemos perceber a introdução no grupo atual de tipos mais modernos, a exemplo do baixo, que foi acrescentado e apreciado pelos participantes que acham a apresentação mais animada quando o instrumento é tocado.

De acordo com MATOS, através das “Paparutas” à comunidade adquire maior visibilidade. O grupo inclusive pode ser estrategicamente articulado, dentro dos anseios locais, como instrumento de busca por direitos e melhores condições sociais, sem perder o sentido lúdico e cultural sob o qual está assentado, e que a memória de alguns moradores retrata de modo claro os acontecimentos de um passado recente ou das práticas culturais exercidas pela comunidade no passado. Quando questionados sobre a existência de alguma relação entre o samba das Paparutas e manifestações culturais oriundas de negros escravos ou ex-escravos da região no passado, os moradores relatam desconhecer ou afirmam não haver tal relação.

Agrimária Matos, fala também em seu trabalho que um participante do grupo das Paparutas, em uma conversa, comentou que certa ocasião um pesquisador que visitou a comunidade havia mencionado que a dança deles poderia ser um “ritual da comida”, praticado por negros desde a época da escravidão, quando ela então complementou: “ele disse isso, mas a gente mesmo não sabia que era isso”. (MATOS, 2011, p. 107)

Com conversas informais com moradores (a) da comunidade da Ilha do Paty, me informaram que eles (a) travaram uma luta junto com o grupo “As Paparutas”, para manter viva a tradição das manifestações culturais da Ilha, oriunda de pais e avós.

Então, observei que os moradores da localidade da Ilha do Paty, se adaptam às condições de existência transformando assim a sua realidade. As gerações mais antigas passavam seus saberes tradicionais, suas crenças, seus costumes, seus hábitos etc; para que as próximas gerações, ou seja, não se deixar morrer a cultura do povo, e do grupo em que estava inserido na sociedade.

O ser humano possui a capacidade de criar, e de produzir para viver em sociedade, acreditando que se para viver em grupo deva haver regras, leis, costumes entre outros. Por tanto na cultura em que um determinado grupo esteja inserido deva haver este conjunto cultural. Qualquer que seja a cultura sempre está em permanente mudança, ao ser passado de geração para geração, muito se deixa morrer desta cultura, na maioria das vezes não são passados “arisca” estes costumes, crenças, saberes etc.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAIS

- Analisar as estratégias dos moradores da ilha do Paty para manter viva as manifestações culturais, em especial o grupo “As Papparutas”

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

- Conhecer as contribuições e a visibilidade que o grupo “As Papparutas” deu para a comunidade da Ilha do Paty.
- Contribuir com informações para os moradores, em especial para os jovens, a respeito das práticas culturais das “Papparutas”, para os moradores da Ilha.
- Analisar a influência do grupo, pra vida e o cotidiano dos moradores da Ilha .

3 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para conhecer um pouco mais sobre o grupo cultural “As Papparutas” de São Francisco do Conde-Ba, comecei a visitar regularmente a Ilha do Paty, e o centro comunitário da localidade, que é um espaço simples, mas bem acolhedor.

O presidente do centro comunitário Sr. Altamirando de Amorim, junto com alguns colaboradores que se faz presente no centro, me recebeu com a maior atenção, dando informações relevantes a Ilha, ou seja, contando as histórias do grupo.

Nesse espaço, registrei relatos referentes a cultura da população. O espaço é organizado, mas, para uma pesquisa acadêmica precisa de um suporte melhor, mesmo assim, os encontros marcados pelos integrantes na sede me ajudou bastante com muitas informações para o desenvolvimento da minha pesquisa.

O presidente levou-me para conhecer a Ilha, alguns moradores e integrantes do grupo, me contaram várias histórias ao longo do trajeto.

Como a cidade de São Francisco do Conde-BA, não possui um acervo organizado, busquei boa parte das informações na Ilha, principalmente na sua associação. Em fevereiro de 2018, fui conversar com alguns moradores da Ilha, que no momento me forneceram dados sobre a cultura, ou seja, as manifestações culturais existentes lá. Ainda sim, eles (a) ressaltaram que a comunidade faz questão de manter sempre viva as atividades culturais. Eles disseram que ao participar das manifestações culturais, faz bem ao espírito, alivia o stress do dia a dia, e que é uma verdadeira terapia e, assim se sentem com as energias revigoradas.

Depois de elaborar uma parte de dados, poderei partir em busca de mais conteúdo nos demais índices documentais, como livros, registros etc. Como a cidade não tem um arquivo público, como foi citado, buscarei outros espaços privados ou públicos para ter acesso às informações necessárias sobre as manifestações culturais da ilha. E a partir daí, poderei estabelecer análises quantitativos e qualitativos sobre o grupo cultural “As Paparutas”.

Além das pessoas mais próximo com as manifestações culturais, pretendo focar com mais vigor o presidente do centro comunitário, que é também coordenador do grupo “As Paparutas”, o Sr. Altamirando de Amorim, que está diariamente ligado ao grupo.

Através dos depoimentos, poderei ter ainda mais informações e análises referentes as manifestações das paparutas, e os impactos que transmite ao povo.

Um outro conjunto de fontes importante serão os depoimentos orais mais profundos com o povo da comunidade da ilha, ligados as manifestações culturais. Como destaca Verena Alberti, “a entrevista de História oral é uma fonte intencionalmente produzida, colhida a posteriori”. (ALBERTI, 2008, p. 168).

Ao elaborar sua investigação, o pesquisador deve ficar atento à seleção de seus entrevistados. Para que sua entrevista seja bem-sucedida, é preciso seguir algumas orientações básicas, como ter uma base de quantos entrevistados serão escolhidos, que tipo de pessoa serão entrevistados, sobretudo que sejam fundamentais para o desenvolvimento do trabalho, e ainda ter disponibilidade para ir até o entrevistado.

Nesse processo, o que se estabelece é um diálogo entre entrevistador e entrevistado, que se comunicam entre si. A pessoa contando as experiências do cotidiano, suas histórias que estão

vivas na sua memória e até seus sonhos. Além disso, esses relatos gravados com a autorização do entrevistado também podem ser estudados futuramente, servindo como documentos para outros pesquisadores. “A entrevista de História oral deve ser compreendida também como documento de cunho biográfico, do mesmo gênero de memórias, autobiografias, diários e outros documentos pessoais. Trata-se, pois, de uma fonte ajustada a um importante paradigma das sociedades ocidentais contemporâneas: a ideia do indivíduo como valor”. (ALBERTI, 2008, p. 169)

Nessas discussões, alguns conceitos serão importantes, como o de identidade e memória. A identidade é o que nos diferencia dos outros, o que nos caracteriza como pessoa ou como grupo social. Ela é definida pelo conjunto de papéis que desempenhamos e é determinada pelas condições sociais decorrentes da produção da vida material. Quando nos referimos à identidade cultural, referimo-nos ao sentimento de pertencimento a uma cultura, ou seja, aquela cultura em que nascemos e que absorvemos ao longo de nossas vidas. Ela é construída aos poucos ao longo do processo de transformação do homem. Porém, a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, ela não é automática. “Assim como acontece com as identidades nacionais, que são negociadas em função das necessidades do momento, a rede simbólica dos movimentos identitários das minorias também pode-se transformar historicamente.” (FIGUEIREDO e NORONHA, 2012, p. 200).

Por outro lado, segundo o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy (2002) diz que além disso, a memória é fundamental a um grupo ou uma sociedade, pois está ligada à construção de sua identidade; é a consequência de uma tarefa da escolha do que é imprescindível e essencial com o sentimento de unidade, de perpetuidade e de ligação, ou seja, da própria identidade. Mas ela é fluida, apresentando características novas, mutantes e, assim, podemos dizer que, em torno dessas discussões, há diferentes memórias, de um grupo, um povoado ou uma nação importante, que, ao final, também são fundamentais para se entender esses mesmos grupos. Assim, mais do que falar de um conflito entre “memória oficial” e “memória subordinada” ou “dominada”, é necessário pensar que há uma diversidade de memórias em disputa. Como assinala o sociólogo Michel Pollak, as “memórias coletivas” são tão “numerosas quanto as unidades que compõem a sociedade”. (POLLAK, 1989). Lembrando que toda narrativa nascida da memória será “sempre e fatalmente”, construção, elaboração, seleção de fatos e impressões, e que todo fato narrado por uma pessoa pode conter mentiras,

distração, deformações ou várias interpretações sobre um determinado assunto dos fatos ocorridos. O que não afasta sua validade (MEIHY, 2002, p. 50).

4 CRONOGRAMA

Etapas / meses	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho
Escolha do tema	X				
Levantamento bibliográfico	X	X			
Coleta de dados			X		
Análise dos dados				X	
Organização do roteiro/partes				X	X
Entrega do projeto					X
Defesa do projeto				x	

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. (2008). **Narrativas na história oral**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (22: João Pessoa, PB). Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUH-PB.
- CERTEAU, MICHEL DE. **A beleza do morto**. In: A cultura no plural. Tradução Enid Abreu Dobránsky. Campinas, SP: papirus, 1995.
- FIGUEIREDO, Angela; CRUZ, Cintia. **Representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras**. Bahia: UFRB, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- GEERTZ, C. **A interpretações das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- LARAIA, R. B. **Culturas um conceito antropológico**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 116p.
- MACHADO, Michele Pires do Prado. **Uma Análise Sobre a Estratégia de Diferenciação no setor de Cosméticos: O caso natura**. Departamento de Ciências Econômicas Curso de Graduação em Ciências Econômicas. Universidade Federal de Santana Catarina. Florianópolis, 2016.
- MATOS, Aglimaria Nascimento. **Trabalho, identidade e processos de mudança: etnografia de uma comunidade do recôncavo baiano**. Tese de pós-graduação em antropologia – Faculdade de filosofia e ciências humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- MEIHY, José Carlos S.B. **Manual de história oral**. 4.ed (ver. e ampl.). São Paulo: Ed. Loyola, 2002.
- NASCIMENTO, W. **Ensaio Filosóficos**. Volume XIII – Agosto/2016
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 3-15, 1989.
- SANDELLA, L. **Cultura das Mídias**. São Paulo: Experimento, 1992.
- SANTANA, Jacira de. **São Francisco do Conde e o Enigma da Riqueza no Recôncavo Baiano**. Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social. Universidade Católica do Salvador. Salvador, 2011.
- _____. Paparutas participam do Prêmio Anu Preto e homenageiam Lázaro Ramos.2012<<http://www.bahiatodahora.com.br/noticias/bahia/paparutas-participam-do-premio-anu-preto-e-homenageiam-lazaro-ramos>>. Acesso em: 20 de abril 2018.